

RESENHA DE LIVROS SOBRE A ESCOLA DE BARBIANA

HOFFMAN, Marvin. **You won't remember me: the schoolboys of Barbiana speak to today.** New York: Teachers College Press, 2007. 105 p.

MARTÍ, Miguel. **El maestro de Barbiana.** Barcelona: Ed. Nova Terra, 1977. 141 p.

CARTA a uma professora: pelos rapazes da escola de Barbiana. São Paulo: Centauro, 1994. 123 p.

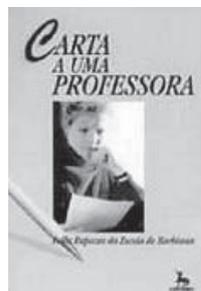
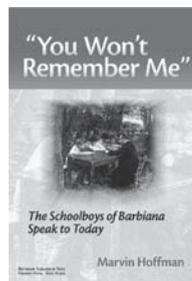
Os editores da série *Between Teachers and Text*, da qual faz parte a obra *"You Won't Remember Me"*, sugeriram a produção de livros que registrassem um diálogo entre grandes educadores do passado e experiências educacionais dos dias de hoje. Sugeriram ainda que os livros não fossem apenas registros de técnicas e métodos, mas uma reflexão sobre o lugar da educação na construção de um mundo novo e melhor. Por essa razão, os autores convidados deveriam ser pessoas engajadas em projetos educacionais comprometidos com uma política de cunho libertador.

Para escrever uma obra que fizesse ponte entre a Escola de Barbiana – a experiência radical de ensino criada por Don Lorenzo Milani – e projetos educacionais contemporâneos, o autor escolhido foi Mervin Hoffman. A atuação de Hoffman, iniciada na segunda metade da década de 1960, sempre esteve vinculada a lutas pelos direitos civis e pela paz. Além disso, o autor sempre atuou em projetos educacionais voltados para as camadas mais pobres da população.

O livro de Hoffman, assim como as demais obras da série *Between Teachers and Text*, tem duas partes. Na primeira o autor reflete sobre sua prática e a relaciona com as idéias do educador escolhido. Na segunda o autor apresenta um texto significativo da proposta pedagógica com a qual dialoga. Em *"You Won't Remember Me"*, Hoffman resolveu republicar a tradução inglesa de *Carta a Uma Professora*, livro escrito por oito alunos adolescentes da Escola de Barbiana. Mas a republicação não é integral. O material editado por Hoffman não inclui trechos pontuais que fazem sentido apenas para os conhecedores da estrutura de ensino da Itália nos anos de 1950. Também não foram republicados os dados estatísticos utilizados pelos rapazes de Barbiana em seu livro original.

Milani desenvolveu uma abordagem exigente e criteriosa para que seus alunos escrevessem obras coletivas. O resultado é um texto limpo e enxuto, sem palavras desnecessárias, sem terminologias eruditas. O resultado é um escrito bastante diferente daquele obtido de acordo com os cânones acadêmicos. Hoffman decidiu escrever seu livro da mesma forma. Além da clareza e da economia verbal, a obra em foco é um testemunho apaixonado de entendimento sobre como deve ser o mundo da educação.

A Escola de Barbiana foi criada para receber os fracassados do sistema educacional italiano. Don Lorenzo Milani entendia que o fracasso era produto do sistema, não da incapacidade dos alunos pobres – quase todos eles filhos de camponeses. Os oito



autores de *Carta a Uma Professora* são adolescentes que fracassaram miseravelmente nas escolas públicas de sua época. Escrevem para uma professora fictícia, personagem que representa a maioria dos mestres e o sistema de ensino que reprovava os filhos de operários e camponeses. Na *Carta*, os alunos de Milani apontam os erros cometidos pelos educadores e sugerem caminhos onde não há qualquer chance de fracasso.

Don Lorenzo Milani afirmava que aos pobres faltava domínio de linguagem que os tornasse autônomos e livres. Essa convicção está na base dos cuidados conferidos à escrita e à leitura em Barbiana. Tudo era feito para que os alunos se tornassem senhores de sua própria palavra.

Como nota Hoffman, a proposta educacional de Barbiana é marcada pelo compromisso social. Os rapazes de Barbiana explicam isso em seu grande livro. Eles dizem que sua escola é uma "Escola do Serviço Social", concepção que se opõe à "Escola do Ego", modelo que caracteriza a educação que se fazia na rede pública da Itália dos anos cinquenta.

Depois de apresentar a Escola de Barbiana e seus alunos, Hoffman introduz Don Lorenzo Milani. Nota que esse grande educador, assim como todos os homens e mulheres de convicções profundas, tinha personalidade forte. Milani, filho de um comerciante abastado, cresceu num meio laico e liberal. Aos vinte anos, converteu-se repentinamente à fé católica e ingressou num seminário para se preparar para o sacerdócio.

Hoffman prefere destacar a atuação de Milani num caso com desdobramentos éticos e políticos. Em 1965, um grupo de capelães militares publicou declaração condenando o movimento de "objeção de consciência" de jovens que se recusavam a fazer o serviço militar. O criador da escola de Barbiana resolveu escrever uma carta aberta aos capelães mostrando que a obediência cega a ordens militares em ações violentas contra trabalhadores inocentes era uma ofensa à crença cristã. Além, disso, ressaltou que a idéia da Mãe Pátria pela qual os soldados deveriam oferecer suas vidas subordinava valores humanos a um ídolo. A resposta de Milani foi sintetizada numa frase: a obediência não é mais uma virtude. Para o pároco de Barbiana importavam mais princípios éticos que a adesão a duvidosos valores que justificavam atos de guerra que acabavam sacrificando inocentes.

Em sua carta aberta aos capelães, Milani propõe ideais de solidariedade humana. Critica as fronteiras nacionais. Mostra que

o maior inimigo é a opressão, não importando onde esta ocorre. Tal visão universalista já se refletia na Escola de Barbiana. Os alunos desenvolvem desde o início uma concepção de camaradagem com seus iguais de qualquer parte do planeta.

O ideal educacional de Don Lorenzo Milani é expresso numa declaração dos autores de *Carta a Uma Professora*:

Nós estamos em busca de um objetivo. Precisa ser um objetivo honesto. Um grande objetivo. O que se quer do aluno é que ele não seja nada menos que um ser humano. (p. 14)

Ao comentar o exigente objetivo educacional milaniano, Hoffman observa:

Esse é um empreendimento bastante diferente daquele que visa à produção de contadores capazes ou licenciados competentes. E certamente é um ideal muito diferente dos padrões míopes pelos quais somos solicitados a medir o sucesso da educação nos dias de hoje. (p. 15)

É interessante notar que a referência de Hoffman a padrões corresponde ao que designamos no Brasil como parâmetros curriculares. A fórmula aparentemente simples de Milani, *o objetivo é nada menos que um ser humano*, sugere reconsiderar o discurso atual que fixa padrões orientados por uma educação voltada para a eficiência.

Hoffman, ativista dos direitos humanos nos Estados Unidos, faz um levantamento de propostas educacionais dos anos sessenta. Observa que os jovens educadores radicais e críticos de então estavam comprometidos com uma educação libertária. Observa, também, que os ideais libertários foram perdendo terreno nas duas últimas décadas e alimenta a esperança de que estejam voltando em algumas das iniciativas dos dias de hoje. Conclui que a experiência da Escola de Barbiana pode nos ajudar na direção de uma educação que supere a simples eficiência e recupere objetivos genuinamente humanistas.

Ao examinar sua própria experiência na educação de jovens negros no Mississippi, Hoffman diz que fazia um trabalho tradicional. Todo o esforço era dedicado a iniciativas que oferecessem oportunidades para que uma camada da população, discriminada e perseguida, pudesse concluir um curso superior. Mas, a substância da educação não sofria mudanças significativas. O instituto de ensino superior que facilitava a formação universitária de jovens negros era uma escola tradicional. Ao descobrir a obra de Don Lorenzo Milani, Hoffman relata que entendeu que não bastava uma ação que permitisse acesso a mais educação. A situação de pobreza e discriminação racial precisava ser considerada no interior da formação dos jovens com a correspondente mudança nas práticas educacionais cotidianas.

Don Milani era um padre católico. Extremamente fiel à Igreja. Mas, desde o início de sua carreira de educador considerou que as distinções de classe social desempenhavam papel fundamental na vida e na educação. Ele não se inspira no marxismo para isso. Inspira-se em suas observações pessoais sobre a vida de camponeses e operários. Defende uma educação popular que não afaste os alunos de suas origens de classe. Defende uma educação popular que preserve as culturas operárias e camponesas.

Ao examinar a insistência de Milani sobre a necessidade de considerar a categoria classe social, Hoffman observa que nos Estados Unidos há muitos limites para fazer o mesmo. Há uma interdição tácita ao uso do rótulo *classes sociais* em planos educacionais. Essa é uma questão crucial. A ausência de considerações sobre classes dificulta o reconhecimento de desigualdades sociais. Os jovens autores de *Carta a Uma Professora* não cometem tal engano. Examinam profundamente as implicações da divisão de classes para mostrar que a escola estava comprometida com os valores das classes mais abastadas. Essa era uma das razões do fracasso dos filhos dos camponeses. A escola, segundo eles, valorizava a aprendizagem de uma cultura que já vinha do lar. Em outras palavras, a instituição de ensino reafirmava apenas valores, linguagem e saberes de uma elite. Esta era a razão principal do fracasso dos menos favorecidos.

Os jovens autores de Barbiana criaram dois personagens para mostrar as diferenças de classe que podiam ser observadas nas escolas: Pierino e Gianni. Pierino é filho de uma família de classe média alta, tem em casa muitas oportunidades de aprendizagem da cultura letrada. Gianni é filho de camponeses analfabetos. Os destinos de um e outro na escola são opostos. Gianni é considerado um caso perdido. Repete em todas as séries. Leva seis anos para chegar à terceira série. Pierino tem notas altas. Ingressou na escola no segundo ano, pois quando chegou a ela já era alfabetizado. A carreira escolar de Pierino é de sucesso, ele continuará seus estudos, jamais repetirá e irá para a universidade. Gianni irá fracassar. Seus pais aceitarão, conformados, a explicação de que ele não nasceu para estudar. Por isso, precocemente, vão colocá-lo no trabalho. Essa explicação de Milani e de seus alunos para a produção do fracasso escolar precede em muitas décadas as teorias do papel reprodutor da escola. Mas, o pároco de Barbiana e os autores de *Carta a Uma Professora* não consideravam o fracasso uma fatalidade. Acreditavam que há saída: uma educação popular como a que acontecia em Barbiana.

Hoffman confessa que quase se esquecera da obra de Don Lorenzo Milani e dos rapazes de Barbiana. Mas, recentemente, em trabalhos com seus alunos na Universidade de Chicago, sentiu que o estudo de *Carta a Uma Professora* desperta o interesse de jovens que estão se preparando para o magistério. Crítica semelhante à feita por Milani e seus alunos acontece hoje nos Estados Unidos contra uma educação excessivamente voltada para os testes nacionais. Os jovens de Barbiana descrevem uma professora que testa em demasia seus alunos, em avaliações que jamais se preocupam em orientar, mas apenas em classificar e atribuir rótulos de sucesso ou fracasso. Em certa medida, acredita Hoffman, o mesmo fenômeno vem ocorrendo agora. Talvez de modo mais sofisticado, em exames que se assemelham ao nosso ENEM. Mas o autor acredita que há possibilidades de mudança. Em muitas experiências educacionais em curso há uma conexão com um passado humanista. E essas experiências mostram um caminho que Hoffman descreve da seguinte maneira:

Parte desse trabalho envolve reconectar-se com visões educacionais do passado, passando por Platão, Horace Mann, Dewey e muitos outros. Mas ele também nos permite celebrar um momento raro em que as

vítimas do sistema, pobres, minorias, ou ambas as coisas, encontraram sua voz. (p. 35-36)

Neste trecho, o autor volta a destacar uma das insistências de Don Lorenzo Milani, a de que os oprimidos precisam se tornar senhores de sua própria palavra. Hoffman, em outra parte de seu livro, retoma o assunto mostrando que a experiência educacional de Barbiana, centrada na palavra como expressão de poder, coincide com a idéia de educação como instrumento de conscientização proposta por Paulo Freire e Maxine Greene.

Hoffman faz uma proposta de retomada dos ideais da Escola de Barbiana. E, para tanto, reedita a *Carta a Uma Professora*, escrita por um grupo de oito adolescentes que estudaram com Don Lorenzo Milani. E este é ponto mais importante da obra do educador americano: mostrar a atualidade de uma experiência educacional que fez de alunos fracassados pessoas que desenvolveram um saber que as tornou mais conscientes, livres e culturalmente capazes.

Em consonância com o que se sugere em *"You Won't Remember Me"*, é preciso retomar estudos e propostas educacionais com base na obra de Don Lorenzo Milani. Por essa razão, julgou-se conveniente complementar esta resenha com comentários sobre outros dois livros que podem nos ajudar a recolocar em pauta a Escola de Barbiana. Um desses livros é *El Maestro de Barbiana*, uma biografia de Don Lorenzo Milani escrita por seu amigo Miguel Martí. O outro livro é uma tradução para o português de *Carta a Uma Professora*.

Martí apenas esboça uma biografia de Milani. Registra os dados básicos da vida do educador italiano e prefere fazer o que chama de uma biografia das idéias do educador de Barbiana. Nesse sentido, comenta muitos assuntos que já foram aqui registrados a partir do livro de Hoffman.

Na biografia, assim como em *"You Won't Remember Me"*, o autor examina a importância que Milani deu à palavra em suas propostas educacionais. E Martí faz isso de modo mais completo. Ele observa que Don Lorenzo Milani, assim que inicia sua carreira sacerdotal, descobre que os fiéis da paróquia operária onde atuava como coadjutor nada entendiam das pregações, sermões, comunicações religiosas. Faltava-lhes domínio da linguagem. Não tinham, por essa razão, humanidade plena. A incapacidade linguística dos pobres, segundo Milani, levava-os a um estado de seres humanos sem consciência, ignorantes de seus direitos, satisfeitos com uma vida sem significado.

Don Lorenzo Milani torna-se um educador a partir de sua descoberta da importância da palavra como instrumento de humanização. Sete anos antes de sua ida para Barbiana ele já era um ativista da educação. Para que jovens e adultos pobres de sua paróquia pudessem tornar-se senhores da palavra, criou uma escola de educação popular. É nessa escola que ele começa a desenvolver a proposta educacional que ganharia traços definitivos em Barbiana.

Um dado biográfico de Milani precisa ser destacado. Depois de sete anos numa paróquia de bairro operário, seu superior imediato faleceu. Normalmente o cargo de pároco seria oferecido ao coadjutor. Mas não foi o que aconteceu com Don Lorenzo.

As autoridades eclesiásticas mandaram-no para Barbiana, uma paróquia rural com apenas 94 fiéis. Era uma promoção para exilar, nas montanhas, uma voz incômoda. Mas, foi este castigo que gerou oportunidade para a construção de uma experiência educacional revolucionária.

A professora da escola nacional (pública) do povoado pouco aparecia. Os poucos alunos, que formavam uma única classe para todos os níveis de ensino, geralmente eram reprovados e acabavam deixando os bancos escolares para trabalhar no campo. Milani resolve mudar tudo. Cria uma escola que irá receber os fracassados e fazer com que eles se eduquem em níveis muito mais exigentes que os alcançados pelos filhos da burguesia.

A Escola de Barbiana funcionava 12 horas por dia, 363 dias por ano. Milani considerava a dedicação integral aos estudos necessária para que os pobres superassem a imensa distância cultural que os separava das classes abastadas. Nela não havia professores de carreira. O pároco tudo coordenava, alunos mais velhos ensinavam os mais novos, todos os alunos assumiam sérios compromissos de estudo. Nada no ambiente lembrava uma escola comum. Grandes mesas de madeira acomodavam grupos de alunos, não importando o nível de ensino. As exigências educacionais eram análogas às exigências do trabalho. Em Barbiana não havia espaço para "recreio" ou diversão.

Acostumados a valores da Escola Nova, educadores que entram em contato com as propostas de Don Milani se assustam. Ele não fazia concessões e era severo, quando preciso. E em vez de partir da vida de seus alunos, procurava fazer com estes se sentissem como cidadãos do planeta. Por essa razão, a atividade mais importante da escola era a leitura diária de jornais, italianos e estrangeiros. Tal atividade chegava a ocupar um terço dos estudos em Barbiana.

Curiosidades despertadas pelo noticiário dos jornais criavam interesse por história, geografia, matemática. Para entender o que acontecia no mundo, os alunos de Barbiana consultavam mapas, investigavam a história contemporânea, elaboravam quadros estatísticos para fazer comparações entre povos, grupos sociais etc. Esse modo de ver os estudos era completamente diferente de todas as demais alternativas curriculares conhecidas. E o universalismo adotado por Milani é único. Nessa direção, convém registrar uma das máximas do mestre de Barbiana: *"É comerciante quem procura satisfazer gostos de seus clientes. É professor quem busca contradizer e mudar gostos de seus clientes."*

Dialogar com Don Lorenzo Milani hoje é tarefa difícil. O pensamento hegemônico cultiva cada vez mais a ideia de que a educação precisa ser divertida. Características dos novos meios de comunicação estão na raiz dessa convicção. O pároco de Barbiana, porém, não via valor educacional no cinema e na televisão justamente porque tais mídias têm como finalidade principal a diversão. Para Milani, os meios modernos de comunicação atuam como fontes de conformismo ao promoverem entretenimento.

Fiel ao universalismo, a Escola de Barbiana promovia aprendizagem de idiomas. Mas, não havia professores de língua estrangeira no local. Os alunos aprendiam idiomas de sua escolha com algum apoio, estudo e muitas horas de escuta de rádio e de

discos da língua-alvo. Cabe notar que todos os alunos de Milani aprenderam pelo menos uma segunda língua. Quase todos, no final de seus estudos, conseguiram se comunicar em francês e inglês. Alguns alunos aprenderam latim e árabe.

Convém enfatizar uma observação feita por Martí: Barbiana não tinha uma base pedagógica. Diz o autor:

Em Barbiana não havia qualquer pedagogia. Não havia ali também qualquer manual pedagógico. Quando os “pedagogos” visitavam a escola, para se admirarem ou se escandalizarem, não podiam falar, ninguém os entenderia.

A marca antipedagógica da obra de Don Milani é contraditória, uma vez que ela eliminou o fracasso de aprendizagem do horizonte de quase todos os seus alunos. O que acontecia ali era um trabalho fiel a princípios como compromisso com os estudos, avaliação exclusivamente para orientar os alunos, convicção de que ninguém pode ser reprovado, certeza de que todos podem aprender tudo o que quiserem, desde que tenham tempo suficiente e apoio adequado. Para colocar esses e outros princípios em prática, Milani, como observa Martí, aplicava apenas uma pedagogia do “senso comum”.

Martí, assim como Hoffman, comenta outra surpreendente prática de Barbiana: os alunos, a título de formatura, passavam uma temporada no Exterior. Eles não faziam isso de modo análogo às modalidades de intercâmbio que conhecemos hoje. Iam para o Exterior conviver com pares – camponeses e operários. Trabalhavam para se manter, geralmente em atividades manuais. Mas, os formados não tinham apenas uma oportunidade de conviver e aprender numa cultura diferente da sua. Sua estada no Exterior gerava o compromisso de enviar para os alunos da escola extensas cartas descrevendo suas experiências. Essa prática fechava o círculo de uma educação com raízes universalistas.

As idéias de Don Lorenzo Milani sobre educação ganharam uma síntese no livro escrito por oito rapazes, com idade de 14 a 16 anos. A obra, traduzida para muitos idiomas, é *Carta a Uma Professora*. É um livro pouco convencional, composto por pequenos capítulos que mostram as origens do fracasso escolar dos pobres e como a professora (a instituição escolar) poderia superar o problema. Hoffman e Martí escreveram seus livros sob forte influência desse texto escrito por um grupo de camponeses adolescentes. Muitas das observações feitas a partir de “*You Won’t Remember Me*” e *El Maestro de Barbiana* partiram de leituras e análises da **Carta a Uma Professora**. A obra dos rapazes é muito rica. Apresenta os assuntos em síntese breves. Haveria ainda muitos assuntos que merecem destaque no livro dos alunos de Milani, mas basta um para marcar a importância educacional de Barbiana.

Os rapazes de Barbiana examinam o processo de avaliação que mostrava o fracasso dos filhos de camponeses e operários na escola. Notam que tal processo tinha duas consequências: ou reprovava, ou expulsava. No primeiro caso, meninos já crescidos viam-se obrigados a conviver com crianças menores, estudando pela segunda ou terceira vez o mesmo conteúdo. No segundo caso, já adolescentes, os alunos se convenciam de que a educação escolar não era para eles. Seus pais também ficavam convencidos de que os filhos “não tinham cabeça para os estudos” e deviam ingressar precocemente no mundo do trabalho.

Os autores da *Carta a Uma Professora* mostram outro caminho. Afirmam que ninguém deve ser reprovado e precisa prosseguir estudos com colegas de sua idade. Esta observação não contraria a prática de aprendizagens colaborativas que aconteciam em Barbiana. Nesse caso, ninguém era humilhado com reprovações. Todos participavam de um empreendimento comum de estudos de acordo com suas escolhas. As lições dos autores neste caso podem ser uma luz interessante a iluminar a questão da repetência em nosso meio. O tratamento que se dá à repetência, mesmo quando a educação se estrutura em ciclos, é um mecanismo de exclusão e culpabilização das vítimas. A Escola de Barbiana superou o problema eliminando a reprovação e dando oportunidade para que cada um de seus alunos construísse um percurso pessoal de aprendizagem que assegurasse sucesso, vontade de aprender e prazer nos estudos.

As três obras aqui consideradas são um convite para dialogar com Don Lorenzo Milani e seus alunos. A Escola de Barbiana durou apenas nove, anos e fechou suas portas meses depois da morte precoce de seu criador. Mas, os princípios que deram vida a essa extraordinária aventura educacional podem ainda servir de inspiração para todos aqueles que queiram construir uma escola que supere o reprodutivismo e não marque como fracassados os alunos das classes populares.

Martí, em *El Maestro de Barbiana*, chama a atenção para uma das expressões gravadas na parede da escola: **I Care**. Essa expressão inglesa é o núcleo das convicções educativas de Don Milani. Ela sintetiza uma ética do compromisso. Os alunos daquela escola perdida nas montanhas do centro da Itália sabiam que Don Lorenzo Milani se importava, se preocupava, cuidava deles. E mais, sabiam que deviam se preocupar e cuidar de seus pares. Em Barbiana o saber se construía coletivamente, e todos os alunos eram importantes. Com dizem os rapazes que escreveram *Carta a Uma Professora*, a pedagogia em Barbiana tinha nome. Aliás, muitos nomes: Gianni, Carla, Mateo. Os alunos, fracassados na escola que não fora feita para eles, se reconheciam como seres humanos, ganhavam consciência. Como já se observou, sabiam-se partícipes da **Escola do Serviço Social**, não da **Escola do Ego**.

Jarbas Novelino Barato
Professor. Mestre em Tecnologia Educacional pela
San Diego State University (SDSU). Doutor em Educação pela
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
E-mail: jarbas.barato@gmail.com